

CRÔNICAS CONTEMPORÂNEAS DE AUTORIA FEMININA: UM OLHAR SOBRE OS MODOS DE PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DE MARTHA MEDEIROS

Silvana Nascimento Lianda¹

Profa. Dra. Jailma dos Santos Pedreira Moreira

Resumo: Trata-se de uma reflexão sobre o sumário provisório da dissertação, composto por 3 capítulos, divididos em 3 subcapítulos. No primeiro, intitulado *Crônica e imprensa: da conquista da escrita feminina às reescritas contemporâneas*, é realizada uma discussão sobre o gênero crônica e a formação da imprensa feminina, além de apresentada a escritora Martha Medeiros. No capítulo seguinte, intitulado *Martha Medeiros e seus textos: impasses e estratégias para a sua recepção*, são apresentadas as crônicas selecionadas para a realização das oficinas com os estudantes de Letras, as noções que o mercado atribui à cronista em questão e as percepções afirmadas pelo público receptor. E no último capítulo, *A escrita de crônicas e a escrita de si: modos de produção da subjetividade feminina*, é proposta uma discussão e relação sobre a escrita de si presente nos textos de Martha Medeiros e as identificações e autorreflexões que eles promovem, tendo em vista, neste contexto mercadológico, as imagens que os estudantes apresentam sobre a literatura, o ofício de escritora e o feminino. Assim, esperamos provocar uma reflexão sobre a recepção de Martha Medeiros frente a um público em formação na área de Letras, em um contexto mercadológico.

Palavras-chave: Crônicas. Produção e recepção. Martha Medeiros.

O presente paper consiste em uma reflexão sobre o sumário provisório da dissertação que tem como objetivo geral: Identificar os modos de produção e recepção de Martha Medeiros, por meio de suas crônicas, analisando como as estratégias utilizadas pela cronista, para defender seu ponto de vista, atuam sobre o leitor e os indícios da construção da subjetividade da escritora, via seu texto, em um contexto mercadológico. Assim, no primeiro capítulo intitulado *Crônica e imprensa: da conquista da escrita feminina às reescritas contemporâneas* buscamos apresentar, através do primeiro subcapítulo, *Noções sobre o gênero crônica*, as características da crônica, seu conceito e origem, considerando que este foi o gênero literário escolhido dentre os produzidos pela escritora Martha Medeiros, sujeito da pesquisa em questão. Nesse sentido, partimos da definição expressa por Massaud Moisés a respeito da crônica:

Do grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*), pelo Latim *Chronica (m)*, o vocábulo “*cronica*” designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em sequência cronológica. Situada entre os anais e a História, limitava-se a registrar os eventos sem aprofundar-lhes as causas ou tentar interpretá-los. (MOISÉS, 2006, p. 245)

Já Afrânio Coutinho (1994), acerca da origem da crônica, afirma que a princípio, no século XIX, chamavam as crônicas de “folhetins” que eram estampados em rodapés dos jornais, mas venceu e

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientadora: Profa. Dra. Jailma dos Santos Pedreira Moreira. Endereço eletrônico: sil_lianda@hotmail.com.

generalizou-se afinal o termo “crônica”, ficando “folhetim” para designar mais a seção, na qual se publicavam não só crônica como também ficção e todas as formas literárias. A esse respeito Antonio Candido complementa:

Antes de ser crônica propriamente dita foi "folhetim", ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia - políticas, sociais, artísticas, literárias. [...] Aos poucos o "folhetim" foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje. [...] A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada (CANDIDO, 1992).

No que diz respeito às características da crônica, ainda segundo Coutinho, a partir do Romantismo a crônica foi crescendo de importância, assumindo personalidade de gênero literário com características próprias, sendo um dos gêneros que mais se abasileiraram, no estilo, na língua, nos assuntos, na técnica. E conforme Moisés a crônica é um texto curto de meia coluna de jornal ou de página de revista, de consumo fácil, imediato, acessível ao leitor de jornal ou revista, cujo estilo encontra-se entre o coloquial e o literário. Possui a ambiguidade, brevidade, subjetividade, diálogo, temas do cotidiano e efemeridade como requisitos essenciais. E sobre esses traços Antonio Candido defende a importância de insistir no papel da simplicidade e graça próprias da crônica pois aprende-se muito quando se diverte, sendo esses traços constitutivos da crônica um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas.

Dando sequência à divisão de subcapítulos, em *A formação da imprensa feminina* buscamos refletir sobre como surgiu a imprensa feminina, como as mulheres começaram a escrever e publicar seus textos, considerando que embora tenhamos uma colunista como sujeito da pesquisa, o acesso à escrita foi resultado da luta de muitas outras mulheres que a antecederam nesse ofício. Assim, em relação ao contexto que favoreceu a formação da imprensa feminina, Maria do Rosário Pereira defende:

A vinda da família real para o Brasil, em 1808, e a instalação da corte portuguesa no Rio de Janeiro transformaram essa localidade em ponto privilegiado para o recrudescimento da questão cultural e de novos modos e hábitos europeus que vão sendo incorporados pela população brasileira. Intensifica-se o processo de urbanização, ocorre a chegada da imprensa em 1816. Salienta-se que entre o início do século XIX e o início do XX as crônicas passavam por um processo lento de mudanças, acompanhando ao mesmo tempo as mudanças históricas que ocorriam (PEREIRA, 2010, p. 2).

Rosário explica ainda como a partir da chegada da República as mulheres começam a modificar seu modo de vestir, a ir à ópera, ao teatro, iniciando-se a construção de uma nova mulher, ocupada com a vida que a cercava, ao invés de ficar estritamente reclusa ao seio familiar. Esclarece que até

1814 as mulheres brasileiras estiveram fora da escola e poucas recebiam uma educação básica em casa e esse fato impressionava negativamente os estrangeiros que aqui aportavam.

Já acerca da inserção das mulheres na imprensa, Karina Janz Woitowicz (2016) explica que o marco inicial aconteceu ainda no século XIX, com a publicação de jornais que discutiam principalmente a participação política das mulheres e as mudanças de costumes. Ou seja, as experiências de produção de veículos inicialmente femininos, depois feministas, acompanharam as lutas das mulheres por direitos, inclusive o direito à escrita e lançaram as bases do que seria, décadas mais tarde, uma imprensa assumidamente feminista.

No que se refere à função da imprensa feminina, Dulcília Buitoni (1986) afirma que a imprensa feminina era um canal de expressão para as sufocadas vocações literárias das mulheres, principalmente no caso das produções menores, uma vez que discutiu a posição das mulheres na sociedade e defendeu seus direitos colocando em foco as interferências do público no privado. Nesse sentido, segundo Constância Lima Duarte (2016) a literatura, a imprensa e a consciência feminista surgiram praticamente ao mesmo tempo no Brasil, nas primeiras décadas do século XIX, uma vez que quando as primeiras mulheres tiveram acesso ao letramento, imediatamente se apoderaram da leitura, que por sua vez as levou à escrita e à crítica. Duarte complementa que a leitura lhes deu consciência do estatuto de exceção que ocupavam no universo de mulheres analfabetas, da condição subalterna a que o sexo estava submetido e proporcionou o surgimento de escritos reflexivos e engajados, tal a denúncia e o tom reivindicatório que muitos deles ainda hoje contêm. Assim, os jornais e as revistas foram os primeiros e principais veículos da produção letrada feminina, que desde o início se configuraram em espaços de aglutinação, divulgação e resistência.

Encerrando as discussões do primeiro capítulo, no terceiro subcapítulo *A cronista Martha Medeiros e seus espaços de construção*, apresentamos Martha Medeiros, a sua formação, o início do seu ofício como escritora, os veículos de divulgação de seus textos, as obras publicadas. Martha Medeiros é jornalista, poetisa, romancista, aforista e cronista de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. É colunista do jornal Zero Hora, de Porto Alegre (no Caderno Donna, com circulação aos domingos, e no Segundo Caderno, com circulação as quartas), e do jornal O Globo, do Rio de Janeiro (no caderno Revista O Globo que circula aos domingos). Em entrevista, ela explica o início de seu trabalho como escritora: “Tudo na minha vida literária aconteceu assim, meio ao acaso, meio circunstancial. Nunca projetei uma carreira literária. Uma vez, mandei um trabalho para uma editora, outra vez uma pessoa me procurou, amigos indicam, sempre foi uma coisa meio informal”.

Já a respeito do início da escrita e publicação de crônicas, Martha Medeiros explica que não tinha a pretensão de ser cronista, que foi circunstancial. Afirma que em 1993 seu ex-marido recebeu

uma proposta para trabalhar em Santiago do Chile e ela, cansada do trabalho com propaganda, deixou o emprego e nos oito meses que lá ficou passava os dias escrevendo. Nessa época, o jornalista Fernando Einchenberg, que trabalhava no jornal Zero Hora, esteve em Santiago, ficou hospedado em sua casa e pediu seus textos para mostrar em tal jornal. Relata que quando voltou a morar no Brasil pediram uma crônica, depois outras, e em pouco tempo lhe deram uma página no Zero Hora e a partir de então passou a viver da escrita, como fica perceptível em seu comentário:

Tenho um vínculo profissional, um trabalho que envolve disciplina, responsabilidade, e que eu acabo privilegiando porque não posso chegar no dia da entrega e não ter nada. [...] A crônica é um trabalho que tenho muito prazer em fazer, mas é a minha profissão, pela qual ganho um salário mensal (MEDEIROS, 2006, p. 14).

Formada em Comunicação Social, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em 1982, e tendo trabalhado cerca de treze anos como redatora publicitária em diversas agências de propaganda, em setores de criação e de redação, Martha Medeiros explica a contribuição dessa formação e atuação para a escrita de suas crônicas. Afirma, nesse sentido, que como a propaganda trabalha muito com a objetividade, tem pouco tempo e espaço para passar o máximo de informação, e está sempre seduzindo alguém através da TV, da revista, do anúncio no jornal, ela foi uma escola de síntese e sedução. Além disso, afirma que a propaganda brasileira trabalha muito com o humor rápido, o que também influenciou a sua escrita. Ainda sobre os traços de sua escrita ela comenta que escreve como se estivesse conversando, que se coloca muito, sendo quase um bate-papo por escrito.

Dando continuidade à descrição dos demais capítulos previstos, no segundo capítulo, definido como *Martha Medeiros e seus textos: impasses e estratégias para a sua recepção*, passamos a apresentar o olhar do leitor diante de suas crônicas, os textos da escritora selecionados para a pesquisa e o que eles discutem. Logo no primeiro subcapítulo apresentamos *Os textos selecionados e seus desdobramento*, onde explicamos quais foram os textos selecionados para a realização das oficinas com os estudantes de Letras e o porquê da escolha, além de uma síntese sobre o que cada crônica discute, quais são as temáticas desenvolvidas. No segundo subcapítulo, intitulado *Entre apropriações do mercado e percepções do leitor: imagens sobre Martha Medeiros expressas pelos estudantes de Letras*, buscamos identificar qual a noção que o mercado atribui à Martha Medeiros e como os estudantes lidam com essa noção, se eles confirmam, desconstruem, ou ainda que noções criam. E no terceiro subcapítulo, *Produzindo atrativos, driblando rejeições: em foco a sedução do leitor*, fizemos um levantamento das estratégias de escrita utilizadas por Martha Medeiros que se mostraram mais atrativas ao leitor e das que despertaram alguma rejeição.

No terceiro e último capítulo, *A escrita de crônicas e a escrita de si: modos de produção da subjetividade feminina*, desenvolvemos acerca dos relatos de si presentes nas crônicas de Martha Medeiros e do modo como é construída a subjetividade feminina, via seus textos, considerando, inclusive, as noções do mercado que os divulgam. Assim, no primeiro subcapítulo, *A escrita de si presente nos textos de Martha Medeiros*, descrevemos como Martha Medeiros se constrói em seus textos, quais são os relatos de si abordados nas crônicas, quais as intencionalidades desse comportamento, bem como as representações identificadas. No segundo subcapítulo, *As crônicas e as identificações e autorreflexões promovidas*, buscamos verificar e relatar como os estudantes de Letras enxergam os acontecimentos pessoais narrados pela cronista, em que medida eles se identificam, se esses relatos provocam reflexões sobre suas vidas e quais. E no terceiro subcapítulo, *Para além do mercado: o olhar para a literatura, o ofício de escritora e o feminino*, discutimos o modo como o mercado vende a imagem da subjetividade feminina produzida nos textos de Martha Medeiros e como a escritora a discute, em que medida ela se apropria do mercado para propor novas reflexões.

Enfim, esperamos desenvolver cada uma das discussões propostas, e aqui mencionadas de modo resumido, através da apresentação dos capítulos e subcapítulos que compõem o sumário provisório, visando o atendimento aos objetivos já citados.

REFERÊNCIAS

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio (Org.). *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. São Paulo: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil – v. 6*. São Paulo: Global, 1994.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil. Século XIX: dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MEDEIROS, Martha. *A sedução do texto*. Coleção Autores Gaúchos. Porto Alegre: IEL, 2006.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. São Paulo: Cultrix, 2006.

PEREIRA, Maria do Rosário. *A crônica feminina brasileira no século XIX*. In: *Fazendo Gênero 9 – Diásporas, diversidades, deslocamentos*. 2010.

SÁ, Jorge. *A crônica*. São Paulo: Ática, 2008.

WOITOWICZ, Karina Janz. *Marcos históricos da inserção das mulheres na imprensa: a conquista da escrita feminina*. In: *Jornal Alcar*, n. 38, 2016.